

Relações familiares e o processo ensino-aprendizagem

Danilo Ciconi de OLIVEIRA¹

Amanda de Freitas Muniz CONTESSOTTO²

Flaviane Rodrigues do PRADO³

Jaqueline Belga MARQUES⁴

Resumo: A relação família-escola é bastante controversa. Diante de situações de desadaptação escolar, não é incomum que essas duas instâncias se culpem mutuamente pelos problemas apresentados pelas crianças. Por outro lado, a presença da família na escola e/ou a integração das duas para intervir nos problemas de aprendizagem e/ou de comportamento apresentados pelos alunos são apontadas como uma possibilidade promissora de sucesso no tocante a promover o máximo desenvolvimento dos indivíduos envolvidos. O objetivo deste trabalho é caracterizar, a partir da literatura, as especificidades da relação entre família e escola no processo de ensino-aprendizagem das crianças e adolescentes em idade escolar. Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório. Foi realizada revisão da literatura científica relacionada ao tema, a partir da qual foram recuperados artigos de revistas científicas publicados nos últimos dez anos. Os dados recolhidos foram divididos em categorias temáticas, para melhor caracterização, a saber: (1) Família e Escola como contextos do Desenvolvimento Humano, (2) Determinantes Familiares do Processo Ensino-Aprendizagem, (3) Contingências da Relação Família-Escola, e (4) Promoção da Integração Família-Escola. Por fim, foi desenhado um protocolo de ações para estreitar o relacionamento família e escola, que pode servir de base para o desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção à desadaptação escolar.

Palavras-chave: Família e Escola. Ensino-Aprendizagem. Desadaptação Escolar.

¹ **Danilo Ciconi de Oliveira.** Bacharel em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), *campus* de Ribeirão Preto. Especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Licenciado em Pedagogia pelo Claretiano – Centro Universitário. *E-mail:* <danilociconipsi@gmail.com>.

² **Amanda de Freitas Muniz Contessotto.** Bacharel em Administração pela Faculdade São Francisco (IESF). Licencianda em Pedagogia pelo Claretiano – Centro Universitário. *E-mail:* <amanda.munizcontessotto@gmail.com>.

³ **Flaviane Rodrigues do Prado.** Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Hermínio Ometto (UNIARARAS). Licenciada em Pedagogia pelo Claretiano – Centro Universitário. *E-mail:* <flaviane_rodrigues@hotmail.com>.

⁴ **Jaqueline Belga Marques.** Mestra em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Especialista em Psicopedagogia e em Educação Infantil pelo Claretiano – Centro Universitário. Licenciada em Pedagogia pelo Claretiano – Centro Universitário. Professora/Tutora a Distância do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Claretiano – Centro Universitário. *E-mail:* <jaquelinemarques@claretiano.edu.br>.

Family relations and the teaching-learning process

Danilo Ciconi de OLIVEIRA

Amanda de Freitas Muniz CONTESSOTTO

Flaviane Rodrigues do PRADO

Jaqueline Belga MARQUES

Abstract: The family-school relationship is quite controversial. In the face of situations of school maladaptation, it is not uncommon for these two bodies to blame each other for problems presented by children. On the other hand, the presence of the family in the school and / or the integration of the two to intervene in the problems of learning and / or behavior presented by the students are pointed out as a promising possibility of success in promoting the maximum development of the individuals involved. The purpose of this paper is to characterize, from the literature, the specificities of the relationship between family and school in the teaching-learning process of school-age children and adolescents. This is a qualitative exploratory study. A review of the scientific literature related to the subject was carried out, from which articles of scientific journals published in the last ten years were retrieved. The data collected were divided into thematic categories, for a better characterization, namely: (1) Family and School as contexts of Human Development, (2) Family Determinants of the Teaching-Learning Process, (3) Contingencies of the Family-School Relationship, and , (4) Promotion of Family-School Integration. Finally, a protocol of actions was designed to strengthen the relationship between the family and the school, which can serve as a basis for the development of prevention and intervention programs for school maladjustment.

Keywords: Family and School. Teaching-Learning. School Maladjustment.

1. INTRODUÇÃO

Diante de situações de desadaptação escolar, família e escola tendem, muitas vezes, a apontar uma à outra como “culpada” dos problemas apresentados pelo aluno. Tem-se, infelizmente, enraizada na sociedade, a ideia de que a família é a única responsável pela “educação” das crianças e que o papel da escola é exclusivamente o de transmitir conteúdo escolar. Sabe-se, porém, que tal assertiva não corresponde à realidade, pois diversos atores concorrem, de formas distintas, mas complementares, com o processo de socialização das crianças.

Além disso, é inegável que a qualidade das relações e da dinâmica familiar pode interferir positiva ou negativamente no processo ensino-aprendizagem dos filhos; e que, quando os pais acompanham de perto o desempenho escolar do filho, este costuma apresentar melhores resultados acadêmicos.

Todavia, a participação da família no contexto escolar fica, por vezes, restrita à presença dos pais em datas comemorativas ou quando acionados diante de problemas de comportamento e/ou de aprendizagem apresentados pelos filhos. Incentivar a participação da família na escola torna-se, então, urgente para garantir a qualidade do processo ensino-aprendizagem dos educandos.

Desse modo, compreender as especificidades da relação família-escola e seus desdobramentos no processo de ensino-aprendizagem das crianças e adolescentes é essencial para a construção de programas eficazes de prevenção e intervenção em problemas de comportamento e aprendizagem na escola. O objetivo deste trabalho é caracterizar, a partir da literatura, as especificidades da relação entre família e escola no processo de ensino-aprendizagem das crianças e adolescentes em idade escolar.

Como objetivos específicos, destacamos:

- 1) Identificar, na literatura, as contingências do processo ensino-aprendizagem específicas dos contextos familiar e escolar.

- 2) Destacar os principais fatores de risco e de proteção para a desadaptação escolar no contexto da relação família-escola.
- 3) Propor programas de prevenção e de intervenção para a desadaptação escolar (elaboração de um protocolo de ações) que considerem meios de incentivar a participação da família no cotidiano escolar dos filhos estudantes na Educação Básica.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório. Foi realizada busca bibliográfica nas bases de dados indexadas e, a partir dela, revisão da literatura científica relacionada ao tema, apontando as principais contribuições à área. Recuperamos artigos de revistas científicas publicados nos últimos dez anos. Tendo por base o material recolhido, tecemos reflexões acerca das contingências do processo ensino-aprendizagem relacionadas aos aspectos familiares. Os dados recolhidos foram divididos em categorias temáticas para melhor caracterização. A partir dos achados, propusemos um protocolo de ações para incentivar a participação da família nos programas de prevenção e intervenção à desadaptação escolar.

3. DESENVOLVIMENTO

Família e escola como contextos do desenvolvimento humano

A família é um núcleo de pessoas, unidas por laços múltiplos, que estão moral, material e reciprocamente interligadas, durante gerações, em determinado lugar e tempo. É a estrutura básica da sociedade, mas, por ela, também é afetada, pois é da sociedade que a família recebe cultura, ideologia e influências diversas (LIMA; DOMINGUES, 2007). A família é o primeiro ambiente de socialização do indivíduo, é a matriz da aprendizagem humana. Tem forte influência e impacto sobre o comportamento dos indivíduos. Por

isso, é a principal mediadora de padrões, modelos e influências culturais. Mas não é a única (DESSEN; POLONIA, 2007).

O conceito de família se transformou ao longo do tempo devido a mudanças de esferas diversas (sociais, culturais, econômicas, religiosas, políticas, tecnológicas etc.). Assim, tais alterações na composição e na dinâmica familiar mudaram, também, as formas como a participação familiar pode interferir no desempenho das crianças em idade escolar (LIMA; DOMINGUES, 2007).

Na escola, são priorizadas as atividades educativas formais. Mas é preciso ter clareza de que, além de um espaço de aprendizagem, a escola é também um importante contexto de desenvolvimento. Escola e família são, em primeira instância, contextos privilegiados do desenvolvimento humano. São responsáveis conjuntamente pela construção e transmissão do conhecimento. Por influenciarem a formação do cidadão, compartilham, ainda, funções políticas e sociais (DESSEN; POLONIA, 2007).

Desse modo, fica evidenciado, na literatura, que o conceito de família é dinâmico e cultural e historicamente determinado. Assim, a expectativa sobre os papéis a serem desempenhados na família no tocante à educação formal das crianças e sobre os objetivos da instituição escolar também são próprios para cada tempo e cultura. Na atualidade, é importante repensar quais são as funções de cada um desses atores no desenvolvimento infantil e, sobretudo, que tais funções são complementares. Família e escola participam ativa e diretamente do desenvolvimento das crianças, em todos os aspectos que ele engloba.

Determinantes familiares do processo ensino-aprendizagem

A família é o primeiro núcleo social do qual a criança participa. É na família, portanto, que ela vai começar a construir as suas aprendizagens (BRAGA; SCOZ; MUNHOZ, 2007).

Diversos fatores influenciam a aprendizagem de uma criança. Há variáveis próprias do ambiente familiar (envolvimento dos pais na vida escolar, ambiente educacional no lar), da escola (ma-

nejo em sala de aula, quantidade e qualidade de ensino, interações professor-aluno e clima da sala de aula) e da própria criança (sua metacognição, estratégias de autorregulação, autocontrole e estratégias para facilitar a generalização de conceitos) envolvidas no processo ensino-aprendizagem (FERREIRA; BARRERA, 2010). Não existem situações determinantes ou causa única para os problemas de aprendizagem. A família não determina o problema de aprendizagem (causalidade linear), mas, se compreendemos que o aprender também está relacionado ao afeto, é claro que ela participa da produção do sucesso ou do fracasso escolar, visto que é nos vínculos primeiros (mãe-filho-irmãos) que a afetividade toma forma, tem sua matriz. Tem-se, conquanto, que, independentemente das causas, o fator familiar é fundamental na manutenção ou resolução do problema (BRAGA; SCOZ; MUNHOZ, 2007). Variados fatores de risco – sobrepostos – podem estar associados à dificuldade de aprendizagem infantil: conflitos familiares, violência, maus tratos familiares e pobreza são alguns dos fatores relatados por Mazer, Bello e Bazon (2009).

O ajustamento do indivíduo aos diferentes contextos sociais dos quais participa pode ser potencializado pela presença, nesses contextos, de membros da família com os quais tiver laços afetivos fortes. O apoio e a presença dos pais, por exemplo, podem ajudar a criança a desenvolver repertórios comportamentais saudáveis para enfrentar situações do cotidiano escolar, nos níveis cognitivo, emocional e social. Não obstante, se os laços familiares não forem bem estabelecidos ou se a presença do familiar for fator ansiogênico – por exemplo, por conta de estresse parental, insatisfação ou incongruência nas atitudes dos pais etc. – podem dificultar o desenvolvimento e promover problemas de ajustamento social nas crianças (DESSEN; POLONIA, 2007). Assim, não basta a presença da família na escola para garantir um desenvolvimento adequado da criança no ambiente escolar, mas é necessário assegurar que essa presença seja de qualidade.

O envolvimento dos pais está relacionado ao tempo e recursos investidos na educação dos filhos. Ajudar nas lições de casa, perguntar sobre a escola e supervisionar a atividade escolar dos filhos, monitorar amizades e saídas, ler para a criança e ouvir a sua leitura

e fornecer recursos emocionais a fim de desenvolver na criança um senso de competência são algumas condutas relacionadas ao envolvimento familiar no processo ensino-aprendizagem. Destaca-se, ainda, que as expectativas dos pais também afetam o desempenho dos filhos na escola: as crenças dos pais sobre as capacidades das crianças, quando negativas, diminuem a motivação delas para aprender, impactando de modo negativo a experiência escolar e os resultados obtidos pelos filhos (FERREIRA; BARRERA, 2010). As experiências vividas em família, a importância que os pais dão para o sucesso acadêmico dos filhos e as expectativas que eles apresentam (mesmo tendo eles próprios pouco contato com o mundo cultural) interferem na qualidade da resposta da criança ao processo formal de educação (LIMA; DOMINGUES, 2007). Crianças com baixo rendimento acadêmico tendem, segundo a literatura, a apresentar um ambiente familiar com mais adversidades, condições mais precárias de vida e menos conforto (OLIVEIRA; KOTELL, 2016). Mazer, Bello e Bazon (2009) reforçam que as dificuldades de adaptação escolar aumentam a vulnerabilidade da criança para a inadaptação social, particularmente quando o ambiente familiar apresenta adversidades diversas: problemas de relacionamento, falhas parentais relacionadas à supervisão, ao monitoramento e ao suporte dos filhos, pouco investimento dos pais no desenvolvimento infantil, modelos adultos de agressividade e recorrência de práticas punitivas de educação. A Psiquiatria e áreas afins já comprovaram que a qualidade dos cuidados recebidos na família nos primeiros anos de vida impacta a saúde mental dos indivíduos ao longo de todo o seu desenvolvimento (BRAGA; SCOZ; MUNHOZ, 2007). Ferreira e Barrera (2010) destacam que, já na Educação Infantil, é possível constatar associações entre aprendizagem dos alunos e aspectos da vida familiar, particularmente no tocante à disponibilidade de objetos culturais (livros, revistas, HQs etc.) e brinquedos e a duração e frequência do convívio dos filhos com seus pais. As autoras encontraram relações, ainda, entre o nível de escolaridade das mães e o desempenho acadêmico de seus filhos.

Braga, Scoz e Munhoz (2007) citam a questão da alteridade e da autoria de pensamento na família como importante componente facilitador ou não da aprendizagem. Para essas autoras, a falta do

comportamento alteritário é característica de famílias que colaboram com a produção de problemas de aprendizagem nas crianças. Tais famílias entendem as diferenças (de comportamento, de opinião) a partir da agressão, mal querer ou do ódio. Famílias promotoras da autoria de pensamento, por outro lado, procuram buscar e valorizar as diferenças e têm características marcadamente alteritárias: permissão, possibilidade e promoção de escolha por parte de quem aprende diferente das de quem ensina etc. Nestes contextos familiares, a diferença é vivenciada a partir de afetos positivos, não como um ataque ao outro; é possível opinar e discordar sem gerar conflitos. Segundo as autoras, tais características geram espaços de autonomia de pensamento, o que favorece um relacionamento saudável entre criança e aprendizagem. A criança é estimulada a realizar experiências e ter a satisfação de conseguir realizá-las por si mesma, assim, se reconhece como autora da sua produção, desenvolve confiança na própria habilidade pensante e autoestima, essenciais para o aprendizado sadio.

Lima e Domingos (2007) destacam, ainda, a importância da aprendizagem por modelação na família. Tais autores afirmam que a aprendizagem pelos exemplos familiares e ao longo da vida certamente se fará presente em toda a trajetória da criança – estando ela ou não matriculada em uma instituição formal de ensino. A qualidade do vínculo familiar pode influenciar o processo ensino-aprendizagem na criança na medida em que experiências vividas em família dão tom à identidade/personalidade dos indivíduos, o que se reflete nas mais diversas situações da vida. Por exemplo, pais extremamente coercitivos e punitivos podem gerar, nos filhos, insegurança e problemas de vinculação (com outras crianças, com professores etc.). Foi averiguado, também, por exemplo, que a qualidade da relação mãe-criança é transportada para outros relacionamentos sociais – na escola, no grupo de amigos (DESSEN; POLONIA, 2007).

Tradicionalmente, a mãe é a principal responsável por acompanhar a criança em seus afazeres escolares, considerando todos os tipos de atividades. A supervisão da lição de casa quase sempre é exercida com exclusividade pela mãe. O pai, quando participa da vida escolar do filho, costumeiramente se envolve em tarefas do

tipo: avisar a criança do horário de ir para a escola, supervisionar o estudo dela para a prova, acompanhar notas e frequência (ROLFSEN; MARTINEZ, 2008).

Lima e Domingues (2007) comentam que a inserção da mulher no mundo do trabalho, por exemplo, é um dos fatores da contemporaneidade que afetaram a experiência escolar das crianças. Por muito tempo, foi objeto de referência para as crianças o papel da mãe como educadora. Com as novas exigências sociais e a necessidade de se obter um maior orçamento familiar, mãe e pai passaram a se ausentar do acompanhamento da vida escolar dos filhos que, ora permanecem sob os cuidados de pessoas estranhas à convivência dos membros da casa, ora têm por babá a televisão ou, ainda, acolhidos pela rua, têm, nela, espaço de “deseducação”. Ressalta-se que tal fenômeno contribuiu, ainda, para que a vida escolar das crianças se inicie cada vez mais cedo, a partir do que podemos questionar se a institucionalização precoce tem efeitos (positivos ou negativos) sobre o desenvolvimento e a escolarização do indivíduo.

Para que haja participação efetiva da família na vida escolar da criança não é necessário estabelecer um educador familiar – alguém da casa responsável por acompanhar a criança em suas atividades escolares. Ao contrário, o ideal é que todos os familiares próximos, de acordo com as suas possibilidades, possam cooperar para o desenvolvimento infantil no que diz respeito à aquisição de habilidades, de conteúdo escolar e na percepção da criança do valor dado ao estudo dentro do grupo familiar (LIMA; DOMINGUES, 2007).

A presença da família no processo educativo das crianças e adolescentes claramente é fator decisivo para o sucesso. É interessante observar que o auxílio dos pais não está atrelado ao fato de eles próprios terem conhecimento acadêmico formal, mas, sim, à qualidade dos vínculos e práticas educativas adotadas na família. Os adultos significativos, quando demonstram real interesse pelo processo de ensino-aprendizagem das crianças, a estão incentivando a se esforçar para apresentar resultados cada vez melhores. Além disso, é gritante na literatura que os principais determinantes do

processo ensino-aprendizagem não são da ordem da cognição, mas da afetividade, da qualidade das relações humanas estabelecidas ao longo da vida, do vínculo formado entre pais e filhos e entre as crianças e as instituições sociais (entre as quais se encontra a escola).

Contingências da relação família-escola

A integração família-escola é um desafio para a prática profissional (DESSEN; POLONIA, 2007). Ferreira e Barrera (2010) apontam que é preciso ter diletta cautela no estudo das relações família e escola para não adotar posições extremas que ou isentem a família de responsabilidade pelo aprendizado das crianças ou a culpem totalmente pelos problemas no desempenho escolar do aluno. O estudo das relações entre fatores da família e a escolarização das crianças se intensificou nas décadas de 50 e 60. Na década de 60, particularmente, além de variáveis socioeconômicas, passou-se a pesquisar, também, influências da dinâmica familiar sobre o desempenho dos estudantes. A Psicologia brasileira, na década de 70, difundiu diversos trabalhos associando o fracasso escolar de crianças provenientes de famílias de baixa renda com fatores como “privação”, “deficiência” ou “carência” cultural. Assim, o estudo das relações família X escola acabou por se tornar um tema bastante polêmico, complexo e controvertido. A partir da década de 80, todavia, outros estudos de vertentes mais críticas da Psicologia, assim como de antropólogos e linguistas, criticaram essa visão, afirmando estar amparada apenas em padrões dominantes de cultura e em exigências pontuais da escola. Segundo essa linha de pensamento, existia um caráter ideológico por trás desses primeiros estudos que, em última instância, tinham por objetivo culpar exclusivamente a criança pobre e sua família pelo próprio insucesso escolar e retirar do Estado (das políticas públicas) e da escola a sua responsabilidade. Trata-se de um olhar puramente preconceituoso, visto que, ainda hoje, não é incomum constatarmos falta de envolvimento familiar e negligência também em famílias bem estruturadas financeiramente (FERREIRA; BARRERA, 2010).

É importante ressaltar, também, que, corriqueiramente, a relação família-escola é constituída de uma relação unilateral de cobranças de informação. A escola avisa aos pais sobre eventos e reuniões e, em caráter de excepcionalidade, quando busca um contato mais próximo é para reclamar sobre problemas de aprendizagem ou mau comportamento dos alunos (FERREIRA; BARRERA, 2010).

O atendimento às necessidades psicológicas, sociais e culturais da criança é feito de maneira mais estruturada na escola do que em casa, por exemplo (DESSEN; POLONIA, 2007). A partir da inserção da criança na escola, é comum que os pais cobrem dos filhos uma espécie de “desempenho natural”, um esforço pessoal para a aprendizagem, atribuindo à criança a responsabilidade quase que total por “ir bem na escola”. Diante da situação de um desempenho insuficiente por parte dos filhos, alguns pais tendem a colocar na criança a “culpa” pelo insucesso. Rotulações são recorrentes e aparecem em falas como “esse menino é preguiçoso” ou “ela é lerdinha pra aprender, como eu também era na minha época” (LIMA; DOMINGUES, 2007). Crianças que não apresentam bom desempenho escolar sofrem certa pressão por parte da rede de pessoas significativas em suas vidas – na família e na sociedade (MAZER; BELLO; BAZON, 2009).

A partir desses achados, fica evidente que, ao pensar as contingências da relação família e escola, precisamos ter sempre em consideração dois pontos. Primeiro, toda a análise que já foi realizada sobre tal relação foi sempre feita a partir da escola e, muitas vezes, infelizmente, a partir de um olhar preconceituoso e com um viés de culpar a família pelos problemas no desenvolvimento infantil. Depois, não podemos perder de vista que tal relação, para além das pesquisas e teorias, é constituída no dia a dia, ou seja, é a partir da interação escola-família e das suas nuances que vamos determinar novas práticas e embasar reflexões e teorias.

Promoção da integração família-escola

Observa-se que os professores tendem a demonstrar preocupação com o resultado acadêmico insatisfatório de seus educandos,

e muitos associam tal quadro a pouca ou nenhuma participação dos pais e famílias na vida escolar dos filhos (LIMA; DOMINGUES, 2007). É objetivo da escola também a educação das famílias, dando-lhes informações sobre a educação infantil, o desenvolvimento humano, além de oferecer apoio psicológico frente às adversidades vivenciadas (SILVEIRA; WAGNER, 2009).

Quando chamados pelos professores para conversar sobre seus filhos, diante de rendimento escolar insatisfatório, alguns pais julgam procedentes as observações dos professores, mas, em boa parte das vezes, justificam não ser possível alterar o ritmo de vida que a família leva para acompanhar mais de perto a educação dos próprios filhos (LIMA; DOMINGUES, 2007).

Oliveira e Kotell (2016) destacam a necessidade da construção, pela escola/professores, de estratégias de ensino que extrapolem o nível técnico e que foquem aspectos emocionais da aprendizagem e demandas atitudinais. Para que haja aprendizagem significativa, o evento educativo precisa ser precedido e acompanhado de experiências afetivas.

As lições de sala de aula precisam estar articuladas com o cotidiano das casas das famílias das crianças para que o aprendizado seja verdadeiramente significativo (OLIVEIRA; KOTELL, 2016). Os professores devem conhecer e ter informações quanto à vida familiar de seus alunos, pois isso propicia a eles a oportunidade de melhor orientar os pais sobre a educação das crianças e sobre o desenvolvimento e a vida psíquica delas (SILVEIRA; WAGNER, 2009). Os professores podem empregar experiências que os alunos têm em casa a favor da aprendizagem. Competências imprescindíveis ao letramento, por exemplo, podem ser estimuladas a partir da utilização de vivências de casa dos alunos relacionadas à leitura e à escrita. O oposto também é verdadeiro: pais podem utilizar-se, em casa, dos conhecimentos adquiridos pelos filhos no ambiente escolar (DESSEN; POLONIA, 2007).

A transição para o Ensino Fundamental corresponde a um momento muito especial da vida da criança, tempo de mudanças múltiplas e simultâneas, o que requer dela estratégias elaboradas de adaptação. Programas que visem preparar a criança e a família para

essa transição devem ser incentivados e implementados como medida preventiva contra a desadaptação escolar (ROLFSEN; MARTINEZ, 2008).

Rolfesen e Martinez (2008) narram a experiência de uma intervenção no contexto de um Programa Psicopedagógico de Orientações a Pais (PPOP), que visava orientar as famílias de crianças com dificuldades de aprendizagem do Ensino Fundamental sobre a escolarização delas e de como poderiam ajudá-las no processo de adaptação escolar. O Programa mostrou-se satisfatório quanto à forma e ao conteúdo e, de acordo com o relato dos participantes, foi importante para que refletissem e se organizassem melhor para participar ativamente do processo ensino-aprendizagem de seus filhos, auxiliando-os em suas dificuldades e estando presentes mais intimamente no ambiente escolar. É preciso ter cuidado, porém, para que as estratégias de orientação aos pais realizadas pela escola não sejam encaradas como intromissão na vida das famílias. Atitudes revestidas de paternalismo ou encaradas pelas famílias como “de especialistas” não tendem a favorecer a relação família-escola (SILVEIRA; WAGNER, 2009).

A escola pode investir no fortalecimento dos órgãos de participação comunitários, a fim de incentivar e melhor aproveitar a presença da família na instituição de ensino – associações de pais e mestres, conselho escolar etc. podem ser caminhos para estreitar a relação família-escola (DESSEN; POLONIA, 2007).

É importante, assim, pressupor uma articulação das finalidades das instituições família e escola. A família deve apresentar participação efetiva ao longo da vida escolar das crianças, cooperando seja no cumprimento das regras e normas da escola, seja no respeito para com toda a sociedade. Ao mesmo tempo, a família espera que a escola continue a formação do processo educacional das crianças no tocante a princípios éticos e morais, ao desenvolvimento de habilidades e competências e à assimilação de conteúdos sociais e culturais (LIMA; DOMINGUES, 2007).

Devem ser implementadas políticas públicas com o intuito de aproximar família e escola, reconhecendo suas especificidades nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, não apenas dos

alunos, mas de todas as pessoas envolvidas com eles (ROLFSEN; MARTINEZ, 2008). Mazer, Bello e Bazon (2009) insistem que ações preventivas envolvendo a criança e o seu ambiente familiar são prioritárias para assegurar o desenvolvimento positivo e a adaptação escolar em crianças e adolescentes.

O determinante primário do desempenho escolar é o componente afetivo (emoções, atitudes, interesses, motivações) (OLIVEIRA; KOTELL, 2016). Nesse contexto, a participação da família na escola, mais que colaborar com a aquisição, por parte do aluno, de conhecimento acadêmico, serve para realizar uma integração melhor da vida escolar da criança com seus próprios afetos e crenças, o que incide positivamente sobre o desenvolvimento do indivíduo ao longo de toda a sua trajetória.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de suma importância, conforme reitera a literatura, que a escola proponha meios de estreitar as relações com a família dos educandos, visto que a participação desta no contexto educacional é fator de proteção à desadaptação escolar.

Assim, faz-se necessário destacar algumas possibilidades de intervenção que possam ser operacionalizadas pela competência escolar, em primeira via, visto ser esta a instituição que possui mais recursos e preparação para tomar iniciativas no sentido de melhorar a relação família X escola.

É importante que a escola amplie a sua articulação com a rede de apoio psicossocial, particularmente, com os Conselhos Tutelares e com os Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), a fim de mapear as especificidades das famílias atendidas em conjunto por esses equipamentos e responder mais assertivamente às suas necessidades. Destaca-se aí o encargo de tais equipamentos de promover ações conjuntas particularmente para intervir junto a questões de vitimização infantil, negligência e violência doméstica.

É positivo intensificar ações que gerem espontaneamente a aproximação da família com a escola, especialmente a partir de

atividades que promovam o desenvolvimento infantil de forma global, não apenas no tocante à aquisição de conteúdo. Programas como o “Escola da Família” precisam ser estimulados, ampliados e mais bem planejados para conseguirem realmente despertar o interesse e proporcionar ganhos qualitativos às unidades familiares participantes.

A formação de professores (as licenciaturas) deve dedicar maior espaço ao estudo da família sob uma perspectiva multidisciplinar e à preparação do futuro educador para ser promotor e articulador de boas práticas.

Os professores das turmas e, sobretudo, os professores mediadores de conflito devem ter formação específica para melhor lidar com as famílias dos alunos que apresentam desadaptação escolar. A intervenção realizada com o aluno e sua família deve trazer esperança aos familiares e consciência dos recursos e responsabilidades de cada um na resolução dos problemas escolares apresentados pela criança. V. Associações comunitárias como as Associações de Pais e Mestres (APM) e os Conselhos Escolares devem ser fortalecidas, mais bem articuladas e ter suas ações destacadas, visando à promoção de uma real gestão participativa da escola.

É evidente que as possibilidades de ação não se esgotam aí. O que o presente trabalho almejou foi, a partir das reflexões anteriormente levantadas, tentar apresentar um protocolo de ações que possam ser utilizadas pelos gestores educacionais no trato com as famílias das crianças e adolescentes atendidas por suas instituições de ensino. É certo, não obstante, que família e escola não são entidades estáticas, mas se alteram ao longo do tempo. Novas dinâmicas familiares exigem novos modelos de escola e de Educação. A contemporaneidade traz à tona demandas e necessidades que outrora eram desconhecidas e, portanto, negligenciadas. Assim, recorrer à literatura da área e aos espaços de troca de experiências entre atores da Educação é essencial para o profissional que deseja conseguir corresponder positivamente às vicissitudes da infância, da família e da escola na atualidade.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, S. S.; SCOZ, B. J. L.; MUNHOZ, M. L. P. Problemas de aprendizagem e suas relações com a família. *Rev. Psicopedagogia*, São Paulo, v. 24, n. 74, p. 149-159, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862007000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2018.
- DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. P. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2018.
- FERREIRA, S. H. A.; BARRERA, S. D. Ambiente familiar e aprendizagem escolar em alunos da educação infantil. *PSICO*, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 462-472, out./dez. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistaspsico/article/view/5686>>. Acesso em: 17 out. 2018.
- LIMA, P. G.; DOMINGUES, J. L. Família e aprendizagem dos filhos na escola: algumas pontuações a partir da percepção de professores. *Acta Científica*, Engenheiro Coelho, v. 2, n. 13, p. 9-24, 2007. Disponível em: <<https://revistas.unasp.edu.br/acch/article/view/445>>. Acesso em: 17 out. 2018.
- MAZER, S. M.; BELLO, A. C.; BAZON, M. R. Dificuldades de aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores associados. *Psic. da Ed.*, São Paulo, n. 28, p. 7-21, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2018.
- OLIVEIRA, D. C.; KOTELL, A. Determinantes comportamentais e emocionais do processo ensino-aprendizagem. *Caderno InterSaberes*, Curitiba, v. 5, n. 6, p. 1-12, 2016. Disponível em: <<https://www.uninter.com/cadernosuninter/index.php/intersaberes/article/view/379>>. Acesso em: 17 out. 2018.
- ROLFSEN, A. B.; MARTINEZ, C. M. S. Programa de intervenção para pais de crianças com dificuldades de aprendizagem: um estudo preliminar. *Paidéia*, Ribeirão Preto, n. 18, v. 39, p. 175-188, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000100016&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 17 out. 2018.
- SILVEIRA, L. M. O. B.; WAGNER, A. Relação família-escola: práticas educativas utilizadas por pais e professores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, n. 02, v. 13, p. 283-291, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2823/282321827011>>. Acesso em: 17 out. 2018.